

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

VOLUME VI

NÚMERO XXI

ABR – JUN 2007

As relações afetivas contemporâneas a partir de “Bondade”, de Simone Campos

Mariana Correia Mourente Miguel (Mestra, UFRJ)

Resumo

Bauman (2004) descreve a sociedade atual como um espaço em que as relações interpessoais são passíveis de serem desfeitas e refeitas a qualquer instante. Este trabalho propõe-se a analisar a representação desta sociedade dentro da literatura contemporânea de autoria feminina, tomando por base o conto “Bondade”, da carioca Simone Campos.

Palavras-chave: literatura contemporânea, autoria feminina, relações interpessoais

Summary

Bauman (2004) describes the contemporary society as a place where interpersonal relationships are subject to being undone and resumed at any time. This paper aims at analyzing the representation of this society in contemporary women’s writings, taking the short story “Bondade”, by carioca writer Simone Campos, as a starting point.

Key words: contemporary literature, women’s writing, interpersonal relationships

1 Introdução

[...] el amor es un hecho poco frecuente y un sentimiento que sólo ciertas almas pueden llegar a sentir; en rigor, un talento específico que algunos seres poseen [...]. (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 55)

[Da narradora de “Bondade”, sobre o comportamento de uma amiga]

[...] então ela conseguia cair no próprio conto-do-vigário (e sair dele) com uma facilidade impressionante.

Logo, ela tinha um dom. (CAMPOS, in RUFFATO, 2004, p. 49) ⁱ

Durante a leitura do conto “Bondade”, de Simone Campos, a tese de Ortega y Gasset de que o amor é um talento restrito a poucos logo vem à mente. Em linhas gerais, o enredo do conto retrata o fim de uma amizade entre duas mulheres, e, desde o início, a narradora, cujo nome não é mencionado ao longo do conto, se mostra resistente à idéia de que “não existe ‘terminar uma amizade’” (p. 30-31). A personagem que a narradora do conto chama de manipuladora, e cujo nome também não consta do texto, é indubitavelmente uma destas pessoas a quem o talento de amar foi negado. Sua vida afetiva resume-se a jogar o jogo da sedução, tanto com homens quanto com mulheres, sem que ela seja capaz de transformar essas relações superficiais em algum envolvimento efetivo.

Tal situação, em menor medida, é partilhada pela narradora, com uma pequena diferença, no entanto. Enquanto a manipuladora mantém-se afastada de envolvimento verdadeiros com seus namorados, a narradora apresenta o mesmo problema de esterilidade afetiva em relação a seus amigos. O mote para escrever o conto, a briga entre a narradora e sua amiga, surge a partir do desconforto que a primeira sente ao ser obrigada a manter uma relação que não lhe traz benefícios que justifiquem sua existência. Este comportamento lembra o que Bauman (2004) afirma a respeito das relações interpessoais da Pós-Modernidade: as relações verdadeiras foram substituídas por conexões, mantidas apenas enquanto interessam aos envolvidos e nunca capazes de ligá-los verdadeiramente.

2 “*While every day my confusion grows*”ⁱⁱ

Numa das cenas do conto, a música *Bizarre Love Triangle*, da banda *New Order*, de onde foi extraído o título desta seção, é cantada pela manipuladora quando está no cinema junto com um de seus ex-namorados e a narradora. A letra da música é um dos indícios que leva a narradora a compreender os motivos por detrás do comportamento da amiga, que declara que gostaria de ser cantada por uma mulher, para, mais tarde, responder à cantada desejada dizendo: “Não. Mas fiquei... lisonjeada” (p. 36). A sensação de confusão e desencontro descrita na letra desta música é bem adequada para dar uma medida das relações que se estabelecem entre as personagens do conto. Além das idas e vindas do jogo de sedução jogado pela manipuladora, a narrativa aponta também para as contradições da própria narradora, que, embora adote um comportamento consoante com a “líquida vida moderna” em que vive, a exemplo da amiga que constantemente critica, não se dá conta disto.

Por “líquida vida moderna” (cf. BAUMAN, 2004), queremos nomear a vida na sociedade contemporânea, de onde as relações duradouras e significativas foram praticamente banidas em prol de uma comunicação vazia porém instantânea, facilitada pelos novos meios de comunicação. Um bom exemplo desta comunicação vazia é a própria idéia da narradora de que é saudável acabar com uma amizade assim que se percebe que ela não trará mais benefícios que compensem o esforço realizado para mantê-la, numa clara aplicação da relação custo-benefício a seus relacionamentos pessoais, com a qual o leitor se depara logo ao início do conto:

[...] às amizades só é permitido acabarem em barraco ou traição. Quer dizer, mesmo que eu sinta cheiro forte de merda antes dela ser atirada no ventilador, sou teoricamente obrigada a permanecer ali, bem ao lado. Não existe “terminar uma amizade”, o que, para mim, soa como... pára-quedismo sobre campo minado.. (p. 30-31).

A partir daí, percebe-se cada vez mais claramente que a amizade a que ela se refere não segue o modelo tradicional, que implica em dedicação e em sacrifícios. O conceito de amizade para esta personagem se aproxima de uma rede de contatos, passível de ser cortada ou reatada conforme as circunstâncias.

Quando as relações interpessoais são banalizadas desta forma, está aberto um espaço para encará-las como apenas mais uma peça – descartável – da vida contemporânea. Como tal, a amizade e o amor passam a ser vistos como simples itens que podem ser colecionados. O exemplo mais bem-acabado deste tipo de comportamento é a personagem manipuladora, que, de forma fria e calculista, embora, desconfie a narradora, talvez inconscientemente, atrai homens inseguros de modo a formar uma longa fila de pretendentes e ex-namorados de que possa contar vantagem a todo momento, e que tenta usar mulheres para atizar a imaginação destes homens. A ausência de um comprometimento genuíno se revela em diversos momentos para as personagens no texto:

[Diálogo entre a narradora e uma outra personagem feminina, Liana]

- Ela fica se vangloriando... quando alguém pede pra ficar com ela.

- Ela finge que reclama... e está contando vantagem.

- “Ele me cantou... que ridículo.”

[...]

- Parece que ela está organizando uma fila... o cara se declara enquanto ela tem namorado, ela termina, começa a ficar com o outro, enquanto isso outro já se declara...

- ...achando que não vai acontecer com ele também... (p. 41)

Concretizar? Nem comigo, nem com ninguém. Era exatamente dar a esperança de concretização e mantê-la em suspenso (p. 42)

Nesse verdadeiro quadro patológico, eu era não apenas a figurinha difícil,

mas uma diversão extra, com a qual ela poderia trocar dúbios elogios e contatos físicos de amiguinhas, deixando todos os homens que a cortejavam ciumentos e excitados ao mesmo tempo. (p. 43)

Devemos nos lembrar, no entanto, de que esta ausência de comprometimento também existe por parte da narradora em relação àqueles que considera seus amigos. Após chegar à conclusão de que uma de suas supostas amigas era efetivamente uma manipuladora, que criava situações em que os outros se declarassem para ela, e depois de brigar com esta amiga pelo telefone e pela secretária eletrônica, a narradora pondera: “Mas também não queria uma inimiga. Queria uma conhecida. Indiferença cordial. A minha etiqueta” (p. 47). A etiqueta da narradora é o resultado necessário da sua visão das relações interpessoais. Como a amizade existente anteriormente não era verdadeira, o resultado da briga entre as duas tinha necessariamente de ser um simulacro de uma briga real: o corte pacífico de relações, ou melhor, o desligamento de uma conexão, que não deixa marcas nem um vazio no lugar da antiga “amizade”.

A transformação da amizade e do amor em meros contatos tem também uma outra implicação importante. Contatos, como mercadorias, podem ser colecionados, e colecioná-los traz *status* e, em determinados contextos, poder. No conto “Bondade”, também este aspecto da vida líquida das personagens é abordado, como, por exemplo, nos dois trechos destacados a seguir:

[dito pela narradora para Liana, a respeito da manipuladora]

— Acho que ela fica... jogando charme... de propósito. E não gosta de... perder poder. (id., *ibid.*, p. 41, grifo nosso).

[novamente da narradora a respeito da manipuladora]

[...] só namorava amigos, sem tesão nenhum, mas gozando ao pensar no poder que concentrava. (id., *ib.*, p. 41, grifo nosso).

Para montar uma coleção de contatos que propicie um *status* privilegiado, é necessário que o indivíduo se mostre capaz de iniciar conexões rapidamente. No entanto, também é preciso saber manter estes contatos na superficialidade, já que se demorar em qualquer relacionamento significa desperdiçar um tempo precioso que poderia ser empregado em novas conquistas, sob a ótica dos envolvidos nesta forma de competição. Um grande defeito que esses competidores vêem nas relações duradouras é o fato de que o comprometimento sincero acarreta riscos: quem ama pode não ser correspondido, ou a relação pode ser terminada pela outra pessoa à sua revelia, já que nunca se pode estar no controle total de uma relação verdadeira. Para as conexões, cultiva-se a idéia de que esses perigos não existem. Quem se engaja em uma conexão está ciente de que esta é uma interação somente a curto prazo, sem maior relevância, e na qual não se deve

depositar grandes esperanças. A respeito disso, Bauman reflete que

quanto mais profundas e densas suas ligações, compromissos e engajamentos, maiores os seus riscos. Não confunda a rede – um turbilhão de caminhos sobre os quais se pode deslizar – com uma malha, essa coisa traiçoeira que, vista de dentro, parece uma gaiola. E lembre-se, claro, de que apostar todas as suas fichas em um só número é a máxima insensatez! (Bauman, op. cit., p. 78)

A respeito de apostar em vários números de forma a minimizar os riscos a serem enfrentados, devemos nos lembrar também que, além de iniciar outras conexões de forma a estar sempre adicionando novas entradas no seu histórico de relações ditas amorosas, a manipuladora o faz de forma a nunca estar sem algum interessado de prontidão, visto que não estar sempre com um pretendente à vista é, para os engajados nessa competição “amorosa”, desesperador. O que importa, na líquida vida moderna, não é a qualidade das conexões, visto que as duas palavras se repelem, mas sim sua quantidade e a rapidez com que se passa de uma conexão insatisfatória a outra. Não poderíamos deixar de nos lembrar do momento em que Bauman cita o escritor americano Ralph Waldo Emerson a respeito do assunto, em trecho que inspirou o título para este ensaio:

[...] quando se esquia sobre gelo fino, a salvação está na velocidade. Quando se é traído pela qualidade, tende-se a buscar a desforra na quantidade. [...] Feito isso [substituindo-se as relações por conexões], porém, estabelecer-se fica ainda mais difícil (e adiável) do que antes – pois agora não se tem mais a habilidade que faz, ou poderia fazer, a coisa funcionar. Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. (BAUMAN, 2004, p. 13).

3 Conclusão

A iniciativa de escrever o conto é tomada, e a própria narradora é quem o diz, logo na abertura, porque ela se sente lesada ao ter que manter um laço de amizade mesmo nos momentos em que não está lucrando com isto. Durante todo o conto, o comportamento da manipuladora, e as atitudes tomadas por cada um dos integrantes do grupo de “pirralhos sub-23”, como a narradora define o grupo em que se insere, são discutidos. Ao final da narrativa, a narradora expressa abertamente a decisão que tomou sobre como se portar após a briga:

Não sei, de vez em quando fico a pensar se devo, ou se é possível, ajudá-la [a manipuladora]. Na verdade, acho que ela não quer. Também, não tenho muita vocação pra consertar o mundo. O mais sábio que fiz até agora (talvez na minha vida inteira) foi manter distância. (p. 51).

Esta decisão de se desligar da amiga, longe de vir como uma surpresa, é algo que os leitores já podem vislumbrar desde o começo do texto, quando a narradora, a propósito de seu péssimo relacionamento com a mãe, afirma:

Esbarrei com a doutrina da não-violência e, mesmo sem abandonar meu querido pragmatismo de todo, adicionei-o à lista de procedimentos emergenciais. E a primeira ocasião em que resolvi proceder não-violentamente lembrava bem a da Índia pré-independência, em polvorosa, louca para se dissolver num massacre de corpo e alma, igual ao nosso pequeno feudo naquele momento. (id., ib., p. 30).

A narradora não adota a doutrina da desobediência civil proposta por Thoreau, ou a doutrina da não-violência, como ela ficou conhecida na tradução para a língua portuguesa, como uma forma de escapar de conflitos que estão prestes a explodir. Sua intenção manifesta por detrás desta jogada é a de provocar as pessoas envolvidas na situação. Embora a narradora só fale explicitamente do uso desta estratégia no conflito com a mãe, ela também diz que assimilou este procedimento para usá-lo quando fosse novamente necessário. Logo a seguir, ela parece mudar de assunto quando começa a comentar as diferenças entre sair de um namoro e acabar com uma amizade. No entanto, ao longo de todo o conto, vemos que a sua conduta é um constante repelir e simultaneamente manter-se próxima, provocar para depois afastar-se, mas apenas o suficiente para atizar a “oponente”, quando então se aproxima novamente sem, no entanto, se deixar alcançar, numa conduta tantalizante que muito bem espelha a da manipuladora, com seus garotos inseguros de camisa lisa. Ou, nas palavras da própria narradora, ela e a amiga que chama de manipuladora eram:

duas sonsas, uma tocando a outra... que tolce. E ao mesmo tempo, uma graça (p. 34).
[...] eu [a narradora] sabia muito bem o que ela [a manipuladora] estava fazendo. Não imaginara nada, estava era lidando com um espelho. (p. 50).

O desfecho desta história é aquilo que a narradora desejava desde o começo. Ao perceber seus “lucros” diminuindo, ela imediatamente considera as formas de se desvencilhar desta amizade que se tornou um estorvo. Simplesmente desativar a conexão é a sua opção, por ser a mais rápida e direta. Por estar engajada em uma acumulação de contatos, desperdiçar tempo é algo fora de cogitação, bem como manter um envolvimento emocional com as pessoas com quem convive, quando pode simplesmente estabelecer ligações superficiais. No entanto, ela esbarra no problema de que esta saída não é considerada válida pela etiqueta vigente no grupo, imposição esta que a narradora

considera injusta e contra a qual se revolta.

A partir de então, a narradora adota o comportamento cujos traços mais gerais foram apontados no presente ensaio, e que claramente favorece os desentendimentos e as rixas entre si e a manipuladora. Antes que algum “prejuízo” advenha da manutenção desta amizade, a narradora providencia para que ela acabe, de forma a se libertar de qualquer responsabilidade para com a amiga, e também de forma a se manter no controle da situação até o fim. Afinal, os relacionamentos modernos são constituídos justamente para ocuparem o espaço dos relacionamentos tradicionais sem o peso do comprometimento. Para encerrar com as palavras da própria narradora,

talvez o meu defeito seja ser indiferente às coisas que os outros seres humanos prezam demais. Não me apego a sentimentos, bons ou maus. As coisas se vão de dentro de mim fáceis como se possuíssem asas. Elas só ficam se quiserem. (p. 51).

Ao que nos permitimos brevemente acrescentar: na líquida vida moderna, alcançar esta indiferença não é defeito, e sim um projeto de vida para muitos, talvez a maioria.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. [5ª ed.] Rio de Janeiro: F. Alves, 1985.
- BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Estudios sobre el Amor*. [3ª ed.] Madrid: Espasa-Calpe, 1973.
- CAMPOS, S. “Bondade”. In: RUFFATO, L. [Org.]. *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

ⁱ Todas as citações do conto neste texto foram tiradas da edição da Record de 2004; nas próximas citações do conto, serão mencionados apenas os números das páginas.

ⁱⁱ Enquanto minha confusão aumenta a cada dia (tradução minha)